



CONCEITO

- “Violência” vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). É, portanto, a percepção do limite, da perturbação e do sofrimento provocado que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta, que varia cultural e historicamente.
- Não é possível, de antemão, definir substancialmente a violência como positiva e boa (afinal, ela pode expressar um descontentamento diante da realidade, podendo iniciar um processo de mudança social) ou como destrutiva e má (oposta à ideia de pacificação).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde (2002), define violência como o uso intencional de força física ou do poder contra si mesmo, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade. Considera-se violência como toda ação que resulte ou possa resultar de lesão, morte, problemas psicológicos e privação de alguma coisa – educação, saúde, liberdade etc.

A violência se dá de diversas formas: a violência física, que gera danos – permanentes ou não – à sua integridade física; a violência psicológica, que constrange a vítima a adotar comportamentos contra sua vontade ou privam-na de sua liberdade; e a violência simbólica, quando as relações de dominação entre grupos sociais encontram-se tão enraizadas e naturalizadas que a violência exercida por uns sobre os outros é vista como uma parte “natural” da ordem social estabelecida.

CAUSAS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

- Patrimonialismo, que garantia a preservação dos interesses da elite agrária (formação de elites políticas regionais). Na prática, isto resultava em uma frágil diferenciação entre o que é público (de todos) e o que é privado.
- Na segunda metade do século XX, intensifica-se a urbanização. Porém os padrões de concentração de riqueza e desigualdade social não se alteraram, além de os conflitos sociais terem se agravado.
- No período ditatorial (1964–1984), observa-se o aumento das taxas de violência: crime comum, violência letal relacionada ao crime organizado, explosão de conflitos nas relações pessoais e o aparecimento do tráfico de drogas, que afeta a forma de organização e sociabilidade nas classes populares.

- **Mudanças nos padrões de violência e criminalidade:** as mudanças socioeconômicas das últimas décadas alteram o crime comum contra o patrimônio, praticado por indivíduos isolados, para uma modalidade de criminalidade organizada, que relaciona diferentes tipos de crimes e cruza as fronteiras nacionais.
- **Crise no sistema de justiça criminal:** a forma de operar o sistema de justiça criminal, composto por instituições com baixa capacidade de retorno às demandas sociais, que leva à impunidade penal e à descrença da população em relação à eficácia do sistema.
- **Desigualdade social e segregação urbana:** miséria econômica, precarização das relações de trabalho, desemprego, marginalização social...

TIPOS DE VIOLÊNCIA

- **Abandono e Negligência:** abandono, descuido, desamparo, desresponsabilização e descompromisso do cuidado.
- **Bullying:** são violências recorrentes por meio de insultos e humilhações presenciais e constantes.
- **Cyberbullying:** quando uma pessoa usa a Internet e aplicativos para telefones celulares para intimidar o outro.
- **Discriminação:** distinguir, segregar ou tratar diferenciadamente alguém por causa de características pessoais, raça/etnia, gênero, religião, idade, origem social, entre outras.
- **Perseguição e Tortura.**
- **Tráfico de crianças e adolescentes.**
- **Violência Física:** ato de agressão física que se traduz em marcas visíveis ou não.
- **Violência de gênero:** sofrida pelo fato de se ser mulher.
- **Violência financeira.**
- **Violência patrimonial:** ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.

- **Violência emocional e/ou Psicológica:** relação de poder com abuso de autoridade. Visa a fazer o outro sentir medo ou sentir-se inútil. Coerção.
- **Violência Sexual:** situações de abuso ou de exploração sexual de crianças e adolescentes.
- **Violência moral:** ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação do indivíduo.
- **Violência institucional:** é aquela exercida nas/pelas instituições dos serviços públicos, tanto por alguma ação discriminatória quanto pela omissão do atendimento.
- **Trabalho Infantil:** no Brasil, o trabalho não é permitido sob qualquer condição para crianças e adolescentes até 14 anos. Adolescentes entre 14 e 16 anos podem trabalhar, mas na condição de aprendizes. Dos 16 aos 18 anos, as atividades laborais são permitidas, desde que não aconteçam das 22h às 5h e não sejam insalubres ou perigosas.
- **Violência intrafamiliar/violência doméstica:** acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que viva com a vítima.
- **Violência simbólica/difusa:** conceito elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Não envolve a agressão física, mas um processo de socialização exercido pelas instituições, cuja função é fazer com que as ideias sociais dominantes sejam vistas como “naturais.”

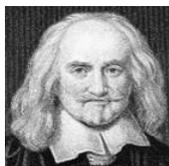
REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL – TEÓRICOS

Maquiavel: a violência como constituinte da vida política

Com o Renascimento, a universalidade da Igreja e suas verdades são contestadas. É neste terreno fértil para novas ideias que Nicolau Maquiavel (1469–1527), autor de *O Príncipe*, analisou a política a partir de sua prática social e não por um argumento moral, logo, ações violentas, cruéis e ruins são constituintes da vida política. Maquiavel, ao discorrer sobre política, afirma que o soberano deve utilizar os meios necessários para conseguir a estabilidade do governo, ou seja, a conjugação de astúcia (formas não-violentas) e força (formas violentas).

Para o autor, a crueldade, quando bem praticada, garante a estabilidade do estado, a célebre afirmação atribuída ao pensador: “os fins justificam os meios”.

Hobbes: a violência generalizada no estado natural



Thomas Hobbes (1588–1676) sustentava que a associação humana era resultante do temor individual à violência, sendo esta uma característica do estado natural.

Para Hobbes, o direito ilimitado de cada indivíduo a saciar os seus desejos gera a “guerra de todos contra todos”, a violência generalizada, sendo esta a “condição natural da humanidade”.

O medo da morte violenta, que Hobbes considerava o pior dos males, faz com que os indivíduos suspendam as hostilidades individuais e estabeleçam um pacto social, pela renúncia dos indivíduos aos seus direitos ilimitados, tendo como o objetivo paz social, que será arbitrada por um soberano — que pode ser um indivíduo ou uma assembleia — com poderes absolutos.

Marx: a violência como “parteira da história”



Para Karl Marx (1818–1883), a violência é oriunda de determinadas relações sociais de produção: a luta de classes.

A violência revolucionária contra os dominantes e as estruturas de dominação é percebida como positiva por Marx (por colocar fim à opressão de uma classe social por outra). Por outro lado, reconhece a violência praticada pelas classes dominantes como forma de manutenção da dominação.

No modo de produção capitalista, o Estado é concebido como a agência que garante a dominação de classe da burguesia sobre o proletariado, tendo o Exército e a Polícia o recurso à violência ou sua ameaça para a manutenção dos seus interesses.

Weber: a monopolização da violência pelo Estado moderno



Assim como Hobbes, que defendeu o Estado como a agência que monopoliza a violência, Max Weber (1864–1929), ao analisar o Estado moderno, define-o sociologicamente como “uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território”. Assim, o Estado-Nação passa a deter o seu monopólio para regular a relações sociais.

Durkheim: violência como quadro de anomia social



Com relação a Émile Durkheim, mesmo sem este ter se debruçado especificamente sobre a problemática, a violência urbana recorrente pode gerar um quadro de anomia social, de desordem e de incompreensão. Para ele, como fato social, a violência urbana deve ser encarada como um fenômeno típico de sociedades que não conseguem lidar com os seus conflitos, ou que não cessam de gerá-los. De um polo a outro: nas sociedades ditas “primitivas”, por exemplo, a violência interna inexistente.

Norbert Elias: a violência política



A análise de Norbert Elias (1897–1990) sobre o processo de constituição dos Estados modernos, assim como Weber, confirma a monopolização da violência legítima por parte do Estado, acrescentando que este processo gera nos indivíduos o autocontrole, ou seja, a interiorização das coações sociais, que produzem o comportamento socialmente adequado, que pode ser traduzido na ideia de “processo civilizatório”.

Elias afirma que os estados de paz não são, historicamente, estáveis – eles são temporários e frágeis.

Banalidade do mal em Hanna Arendt



Hannah Arendt (1906–1975) foi uma filósofa judia, de origem alemã, autora de vários livros nos quais desenvolveu diversos conceitos, dos quais se destaca o que chamou de “banalidade do mal”.

O mal se torna banal quando o membro de uma organização, seja ela política ou empresarial, separa os seus valores éticos individuais do comportamento duvidoso da organização, da qual é cúmplice.

O mal não é obra de uma força demoníaca ou de um gênio maligno. O mal pode originar-se de cidadãos comuns, sujeitos normais, pessoas honestas e responsáveis.

Arendt denuncia a normalidade de seus autores. Homens ordinários que se transformam em assassinos cruéis.

REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL – FILMES



Tropa de Elite 1 e 2 (José Padilha, 2007):

Filme policial que mostra a guerra entre polícia e traficantes no Rio de Janeiro, num contexto de violência urbana, permeado pela corrupção.



Relatos Selvagens (Damián Szifron, Argentina, 2014):

Em vários episódios instigantes, o filme mostra o tênu limite em que vivemos hoje, entre a civilização e a barbárie. Com boa dose de humor, o filme traz a questão: o ser humano aprendeu a viver em sociedade e, para isso, existem as leis e as normas de etiqueta social. Mas quanto temos, ainda, da nossa essência animal, e como ela aparece, de repente, nas situações mais imprevisíveis do cotidiano?

REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL – FILMES E SÉRIES

O Poderoso Chefão (Francis Ford Coppola, 1972): Interessante para compreender, por exemplo, organizações criminosas, como o PCC.

Pulp Fiction – Tempo de violência (Quentin Tarantino, 1994): Trata da banalização da violência na atualidade.

O Invasor (Beto Brant, 2001): Filme interessante sobre violência urbana, contemporâneo de *Cidade de Deus*.

Série da Globoplay / Multishow: *Arcanjo Renegado* (2020): A história de Mikhael, um sargento incorruptível, comandante de uma equipe do BOPE no Rio de Janeiro. Depois de se envolver em uma operação que terminou em chacina, ele é transferido para uma unidade policial no interior do estado.

REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL – MÚSICA



Violência

O movimento começou, o lixo fede nas calçadas
 Todo mundo circulando, as avenidas congestionadas
 O dia terminou, a violência continua
 Todo mundo provocando todo mundo nas ruas

A violência está em todo lugar
 Não é por causa do álcool nem é por causa das drogas
 A violência é nossa vizinha
 Não é só por culpa sua nem é só por culpa minha

Violência gera violência

Violência doméstica, violência cotidiana
 São gemidos de dor, todo mundo se engana
 Você não tem o que fazer, saia pra rua
 Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua

Violência gera violência

Titãs, Álbum: *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, 1987, WEA.

REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL – LIVROS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva [1ª ed.: 1961], 2001.

MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MARTUCCELLI, Danilo. *Reflexões sobre a violência na condição moderna*, Tempo Social, 11, 157–175, 1999.

SODRÉ, Muniz. “*Violência, mídia e política*”, in Jandira Feghali, Candido Mendes e Julita Lemgruber (orgs.), *Reflexões sobre violência urbana*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis: Vozes [1ª ed.: 1906], 1993.

TOURAINÉ, Alain. *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural, 1989.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2005.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?* São Paulo: Perspectiva, 2006.

COMO A MÍDIA PROMOVE A CULTURA DO MEDO

A mídia tem um papel importante no campo político, social e econômico de toda uma sociedade. Por meio desse mecanismo, essa instituição incute na população uma consciência, uma cultura, uma forma de agir e de pensar.

O crime desperta curiosidade na população por apresentar uma ameaça. A mídia atua explorando essa fragilidade humana, estimulando a sensação de insegurança. A televisão tornou-se um fenômeno em massa, assim como a alta taxa de criminalidade e, com isto, também cresce a sensação de medo e insegurança em toda população.

Segundo Bauman, medo é o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito. Vivemos em uma era na qual o medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva.

DIA INTERNACIONAL DA NÃO VIOLÊNCIA



Não haverá o dia em que este tema não precisará ser lembrado, mas é possível sim nos transformar e transformar nossas realidades para que a violência institucionalizada não seja algo tão banal.

Essa data, 02 de outubro, foi escolhida pela Organização das Nações Unidas (ONU) por ser o nascimento de um dos maiores porta-vozes da causa, Mahatma Gandhi (1889–1948). Para as Nações Unidas, o exercício da não violência é uma tarefa coletiva, jamais exclusiva aos governos e organizações internacionais.

SUPERVISOR/DIRETOR: Dawison Sampaio – AUTOR: João Saraiva
 DIG.: Alexandre – REV.: Sarah